

ROSANE MONTALVÃO

CALMARIAS FORÇADAS




GERAÇÃO

ROSANE MONTALVÃO

CALMARIA FORÇADA



GERAÇÃO

Copyright © by Rosane Montalvão
1ª edição — Novembro de 2021

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Assistente Editorial
Ana Paula Lou

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação
Alan Maia

Ilustrações da capa
Ramon Rodrigues

Preparação
Josias Andrade

Revisão
Ana Maria Fiorini

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD**

M763c Montalvão, Rosane
Calmaria Forçada / Rosane Montalvão. - São Paulo :
Geração Editorial, 2021.
160 p. : 15,6cmx 23cm.
ISBN: 978-65-5647-049-8

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Ficção.
4. Terror. I. Título.

CDD 869.89923
2021-3836 CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
Literatura brasileira: Romance 869.89923
Literatura brasileira: Romance 821.134.3(81)-31

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua João Pereira, 81 — Lapa
CEP: 05074-070 — São Paulo — SP
Telefone: +55 11 3256-4444

E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

*Existem também os rebeldes à luz,
que não conhecem seus caminhos
nem ficam em suas veredas*

Jó, 24:13

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Maternidade amputada 9

CAPÍTULO 2

Rostos entubados 23

CAPÍTULO 3

Aborto da sensatez 31

CAPÍTULO 4

Paternidade farsante 49

CAPÍTULO 5

Aceitem o irreversível! 55

CAPÍTULO 6

A lacuna do tempo 61

CAPÍTULO 7

Devemos orar? 69

CAPÍTULO 8

As sombras assombram 77

CAPÍTULO 9

Outras criaturas saem das sombras 89

CAPÍTULO 10

Um discípulo da loucura 99

CAPÍTULO 11
Sentimento cáustico 107

CAPÍTULO 12
Teve suas chances, meu caro 119

CAPÍTULO 13
Preste atenção somente em mim! 125

CAPÍTULO 14
Não haverá quem te salve 131

CAPÍTULO 15
Alguém... por favor, alguém... 137

CAPÍTULO 16
Não... Não... 143

CAPÍTULO 17
Calmaria forçada 157

CAPÍTULO 1

Maternidade amputada

Longe de incomodar Alana, o breu que toma conta da sala acolhe sua dor. Desde que se encontra sentada em sua cadeira habitual, a escuridão engoliu o cenário, no qual se destaca apenas o brilho dos talheres de prata. Intacta, a mesa por ela arrumada com esmero no dia anterior é o retrato do jantar malogrado pela ausência de um dos convidados. No ar paira uma atmosfera de tragédia, e o relógio, antes a todo momento consultado, agora se tornou um envergonhado coadjuvante ao calar o próprio som. Mesmo sem enxergar seus ponteiros, ela permanece estática, indiferente à passagem do tempo.

Espectadora do vazio, leva o cristal aos lábios repetidas vezes, num gesto automático. O vinho tinto é sorvido como um bálsamo, no qual afoga o pesar que a consome neste dia sinistro. Como acreditar? Como aceitar? Como se conformar que seu único filho tenha morrido, e não somente isso, mas tirado a própria vida? Com sua atitude extremada, Lucas amputou a Alana o sentido de ser mãe. Esmiuçar os defeitos maternos será o seu mantra diário, bem como sobreviver para tentar justificar o desfecho da breve vida de seu rebento.

Ao fechar os olhos, os pensamentos a tornam, novamente, testemunha da pior cena de sua existência. Os joelhos ainda doem pelo impacto de ter desabado diante do corpo sem vida, emoldurado com o vermelho líquido, escoado e já frio. O choque embaçou todo o processo em sua memória. A

felicidade dos anos de convívio se evaporou para sempre, enquanto era inundada por uma tristeza sem fim. Estilhaços de imagens e sons desordenam a lembrança, esgarçando-a como se um vácuo a levasse direto à despedida. A ternura com que tentou esconder o ferimento da bala fatal, com as flores encharcadas de seu choro, continua a dilacerar seu peito. Este será o seu carma: a imagem congelada do adeus à sua maternidade nessa maldita manhã de domingo.

Nada mais faz sentido.

A chuva desaba lá fora, e os relâmpagos, com seus clarões dramáticos, ocupam a sala como intrusos. Não a assustam, mas fazem com que abra os olhos, e os *flashes* no ambiente se apresentam como fotos pálidas. Aberta, a porta de entrada anuncia algo, e Alana, com o olhar ansioso, aguarda o próximo raio para que a luz mostre que só imaginou.

Mas não.

Um forte vento toma a sala, e um movimento errado a faz derrubar o vinho na mesa. A taça cai no chão. Outro disparo de luz destaca alguém contra a sombra.

O pânico percorre suas veias ao reconhecer o filho, Lucas.

Os olhos estampam medo, enquanto os lábios dele se mexem com dificuldade. Ele quer dizer algo, mas não consegue, e a angústia imobiliza Alana. O som das fortes batidas do seu coração se sobressai a qualquer ruído externo, e ouvir seu filho não é mais possível. Permanece encarando-o, mas, de repente, ele some, como se a chuva o dissolvesse.

Alana ainda o procura, seu olhar traduz a mente confusa. Busca com as mãos trêmulas alguma coisa que a retire da escuridão, mas elas escorregam. Tateando intensamente e em grande desespero, encontra, em seguida, o interruptor.

Iluminado, o cômodo parece normal, e é com imenso espanto que ela encara a porta fechada. Mantém-se estática por um tempo, até criar coragem para olhar ao redor. Sobre a

mesa, a taça de cristal, intacta, exhibe o escuro líquido. Alana esfrega as mãos secas diante dos olhos úmidos.

Eu sei que vi.

O combustível do medo faz seu sangue ferver, e é dominada por um choro perturbador. Goles e mais goles são necessários.

O líquido sorrateiro a abate.

* * *

Os dias se arrastam, e Alana continua prisioneira de sua desolada mente, que, muito ocupada em apagar sonhos e desejos, deixa-a sem forças para retornar à vida normal. A perda devastadora a subtraiu do trabalho e do casamento. Seu lar, agora, é apenas um espaço com dois ocupantes em que o trauma calou os diálogos e afastou os olhares. A invisibilidade é uma pedra que emudece os papéis de amantes, e a solidão os abraça, anulando desejos.

Descanso é algo que seu corpo não aceita há algum tempo; e ela amanhece, mais uma vez, na bagunçada penteadeira. Cosméticos abertos, largados, desalinhados, desfiguram o ambiente, antes tão organizado. No espelho, o reflexo de uma figura que nem de longe lembra a antiga Alana, e isso faz com que seu olhar logo se desvie. A imagem de Daniel, o marido, surge, e, sem que ele perceba sua presença, ela o observa. É invadida por pensamentos nostálgicos, mas imediatamente descarta a possibilidade de carinhos que há tempos não mais compartilham. O reflexo do marido no espelho, afundado no antigo sofá do quarto, revela mais uma noite ali dormida, confirmando seu papel de coadjuvante na casa.

Ele desperta devagar, até que nota a presença de sua mulher. A falta de interesse mútuo não exige mais perguntas ou mesmo cumprimentos, mas a troca de olhares desta vez os obriga a um diálogo, e ele, sem jeito, pergunta:

— Não vai se aprontar para o trabalho?

— Não — Alana diz em voz baixa.

— Alana, sei que é bem difícil tudo isso que estamos passando... A perda é irreparável, mas temos que tentar continuar. No meu caso, pior ainda, pois sofri duas perdas em questão de pouco mais de uma semana. Não que eu tenha muito a lamentar pela partida de meu pai, mesmo porque já era esperado, mas, enfim...

Daniel dá de ombros e se levanta; passos cautelosos o levam até ela, e, mesmo diante de seu desconforto, ele continua:

— Deveria retornar ao trabalho. Suas alunas adoram você e devem sentir muito a sua falta. Acho que lhe faria bem voltar à vida normal.

— Uma professora de balé não é tão importante assim... Sou facilmente substituível... Estarão bem, e, quanto a voltar à vida normal, não sei o que você quer dizer com isso — Alana rebate em tom seco.

Surpreendido com a resposta, Daniel baixa o olhar, desviando dos olhos úmidos da mulher. O diálogo forçado e pouco produtivo, aliado à falta de afeto, serve como senha para a retirada, o que ele faz sem olhar para trás. O silêncio volta a imperar soberano no cômodo.

Com os sentimentos perturbados, Alana começa a decidir seus não afazeres do dia. A imposta reclusão define as mesmas roupas, e, como o tempo já não faz mais sentido, seu relógio de pulso não será necessário. Os cuidados com o corpo, adiados com maior frequência, se tornam mais evidentes. A magreza envelhece Alana e retira toda a sua boa forma. O roupão, agora folgado, cobre um corpo de criança. A bela e elegante postura de bailarina desapareceu por completo.

Apesar do pouco peso, seus passos parecem suportar toneladas. Caminhar pelo corredor a obriga a encarar a porta do quarto do filho. A madeira expõe manchas e rabiscos que

traduzem os descuidos adolescentes. Alana recorda de tê-la pintado inúmeras vezes, mas, de agora em diante, nunca mais essa porta irá receber nem sequer uma demão de tinta. Lembranças não serão apagadas.

O receio de abrir a porta suspende a respiração. Com um profundo suspiro, cria coragem para entrar. Um silencioso pedido de permissão, quase uma prece, a faz chorar. Lágrimas escorrem, como carícias, pelo rosto, enquanto encara o espaço saqueado de vida, repleto de histórias, silenciado por não mais abrigar o filho.

Memórias envoltas de luto passam por trás do olhar.

Como se aguardasse um retorno, tudo permanece no mesmo lugar. Cadernos abertos repousam na pequena mesa, exibindo o amarelo fluorescente, ainda vívido, do marcador de texto sobre a caligrafia caprichada de Lucas.

As prateleiras suspensas exibem variados títulos de ficção científica, gênero que o fascinava desde criança, a maioria devorada em apenas um dia de leitura. Logo abaixo, organizada por ele, a estante guarda a coleção de robôs. Alana ainda reconhece o preferido de Lucas, que, em posição de destaque, a convida a tocá-lo. O prateado arranhado no peito do boneco entrega os anos de brincadeira; e a imagem de seu dono, aos quatro anos, com o sorriso mágico, insiste em saudade. Com um delicado movimento, coloca o adorado robô de volta em seu lugar.

O mural de cortiça, cravado de tachinhas coloridas sobre fotos, bilhetes e desenhos, ordena as inquietas fases de um jovem.

Sua atenção se prende na própria imagem em uma fotografia da qual já nem se lembrava. Devia ter uns quinze anos, e a foto em preto e branco revela uma elegante bailarina, com a maquiagem impecável contornando um olhar sonhador. Por um instante, toca a própria face e se pergunta por onde anda

aquela menina. A realidade lhe traz de volta a incerteza de viver em um mundo agora sem sonhos e sem Lucas.

O fracasso corrói sua mente, e pensamentos doídos pesam como nunca. Enquanto caminha para a saída, um barulho chama sua atenção. Não demora e logo percebe que algo caiu ao chão. *O pequeno livro colorido deve ter despencado de uma das prateleiras.* Ao se aproximar, um arrepio percorre seu corpo. Decide lembrar, pela última vez, a história que tantas vezes leu e que o filho adorava escutar.

As páginas do livro trazem a história de um menino que jurava a todos que um alienígena morava em seu armário. Na escola, aqueles que não acreditavam nele o chamavam de Maluquinho. Risadas e chacotas generalizadas o perturbavam muito. Todos os dias seus pais abriam não só os armários, mas todas as gavetas, e, com ar de dúvida, diziam que era só sua imaginação. Isso o deixava bastante bravo. Um dia, antes de dormir, fez careta para o armário e desistiu do amigo. Na manhã seguinte, antes de abrir o armário para pegar seu uniforme, notou um pequeno bilhete embaixo da porta. Ao ler, um imenso sorriso se abriu. Orgulhoso, leu de novo: “Não desista! Agora estou dentro de você”.

Depois de ler essa história, Alana e o filho, meio assombrados, riam e inventavam mil continuções para o possuído menino.

Alana, como em despedida, fecha o livro devagar, guarda-o na estante e deixa seu filho adormecer. Para sempre.

Subjugada pela saudade, seus movimentos são mecânicos e rápidos. No andar de baixo, procura não mais lembranças, mas algo que a poupe do pensar... do sentir. Abrir armários, gavetas... algum antídoto... para a dor.

A intimidade com o ambiente a leva ao pequeno bar no canto da sala. Garrafas ordenadas e alinhadas, que lembram bailarinas prontas para iniciarem o espetáculo, ostentam bebidas diversas. As delicadas mãos sondam o território

perigoso, mas desvendá-lo é o seu propósito. A firmeza da intenção de se perder faz com que escolha a bebida mais forte. E, sem volta, concentra-se em servir-se de uma generosa dose.

O dia não precisa durar muito.

Sua nova companhia parece lhe injetar forças e convidá-la para um passeio em seu ignorado lar. O olhar forasteiro delata sua ausência prolongada e, como uma intrusa, percorre todos os ambientes. As janelas, vestidas com cortinas de linho, assistem desanimadas à mesa de jantar desfeita. O dourado da manhã insiste sobre o grande tampo rústico; as cadeiras, perfeitamente alinhadas, desenham um cenário vaidoso. A organização e limpeza, mantidas à sua revelia, informam sua inútil presença, e o sentimento de fracasso suspende o seu observar.

A passos pesados caminha pelo carpete macio, e a textura da fibra sob seus pés começa a contar histórias. Os olhos se fecham. Seu andar recria os primeiros passos de Lucas nesse mesmo espaço. Alana ainda recorda do frio na barriga ao acompanhar os tropeços e as quedas... da alegria ao ver as perninhas firmes... da risadinha de sucesso do seu pequeno.

Quando derrama uma parte de seu copo, Alana observa a mancha sem grande interesse.

Cambaleante, volta ao propósito de cessar o dia. Toma novas e fartas doses até desabar no sofá. A tormenta é imensa, enjaulada nos quatrocentos metros quadrados tão bem decorados de solidão. Com os sentidos aniquilados, o rodopiar amolece seu corpo, anunciando a iminente inconsciência. O falso repouso traduz sua derrota. Insiste, entre almofadas, em ajeitar-se, e apaga.

* * *

Horas mais tarde, Daniel, em silêncio, repousa sua pasta no chão e, diante da patética cena, respira fundo. Como se

cúmplice fosse, calmamente remove os vestígios da desordem. A repetição desses excessos impede que sinta qualquer resquício de espanto, e ainda permite que treine sua recém-descoberta habilidade de reproduzir o lugar por memória quase fotográfica. Inexpressivo e preciso, restaura o ambiente com suas inúmeras passadas, entre sala e cozinha, atarefado em cessar qualquer rastro de desequilíbrio.

O cansaço e o desânimo da volta para casa inibem a tentativa de acordá-la, e, aliviado por ter algumas horas sozinho, transfere a atenção para si mesmo. Sem qualquer remorso, deixa a mulher para trás, como um acessório do lar.

* * *

O inconfundível som do piano orchestra seu corpo a delicados movimentos que, por anos praticados, exibem perfeição. Seus sentidos são hipnotizados pelo cheiro da sala de dança, e a elegante coreografia deixa as pequenas bailarinas boquiabertas. Os reflexos no imenso espelho conseguem provocar-lhe um sorriso. Desengonçados e esforçados passinhos tentam reproduzir os passos profissionais, agora pausados. Pousa o olhar sobre cada uma delas, e o corrigir singular é repetido inúmeras e não cansativas vezes. A intensidade exigida pelo exercício se manifesta em rostinhos sérios, concentrados no acerto. Aflorada a competição, trocas de olhares são como flechadas umas nas outras, e isso diverte Alana. O toque maternal corrige posturas, enquanto a sincronia dos passos a emociona. O bailar prossegue de forma admirável, e a sensação de missão cumprida recompensa toda a sua longa dedicação.

De súbito, o incômodo da música desafinada atrapalha sua lição. Uma banquetta vazia diante do piano destruído; a iluminação começa a falhar; gritos parecem orquestrar imagens torcidas. Sua desajeitada postura lembra a de uma desconjuntada boneca que tomba vergonhosamente. O som

do instrumento é insuportável. As meninas, alinhadas com o rosto contra a parede, são reproduzidas pelo trincado espelho. Risadas abafadas anulam a desastrosa melodia, e tudo, por um momento, fica parado. Como em um vaivém ensaiado, as cabeças batem com violência contra a parede branca, que se tingem de rubro. A flexibilidade exigida ao máximo quebra osso por osso, e a fileira desaba tal qual uma floresta humana. O desespero para impedir o pior faz com que Alana se recomponha e consiga alcançar uma delas. O toque parece contagiar as outras, que cessam a fúria. Rostos sem vida, deformados, a encaram anunciando um inevitável ataque.

Desperta com esforço do pesadelo, tentando expulsar as terríveis imagens; e, aos poucos, reconhece onde de fato está. Vagueia pela grande sala com passos trôpegos, até esbarrar em Daniel.

— Calma! — Assustado, ele consegue exclamar.

— Diga que eu estava em casa! Por favor, diga!

— Do que você está falando? Você não sai há semanas. Escutei barulhos aqui na sala e descii correndo. Você está bem? — Daniel procura por algum ferimento em Alana.

Alana fixa os olhos atordoados no marido.

— Foi real... eu senti a dor... — balbucia, mostrando-se constrangida.

— Deve ter sido pelo impacto da queda. Agitou-se tanto, que caiu do sofá. Olhe, você dormiu aqui esta noite — Daniel aponta para o móvel com suas almofadas reviradas. — Tem andado muito cansada e não se lembra. Eu não quis incomodar você... Estava num sono pesado. Vamos subir. Acho que merece uma boa ducha.

O abraço inesperado de Alana confunde Daniel, que corresponde amparando-a. Outra vez presente entre o casal, o silêncio os acompanha, ampliando o som de seus passos arrastados e exaustos ao quarto.

A ausência de desejo facilita o despir da esposa, que parece ter entrado em estado de transe, aumentando a indiferença. O olhar opaco não o encontra mais, e ele a coloca com facilidade sob o chuveiro. A tarefa de banhar um adulto se mostra complicada, e o peso de suas mãos parece ter despertado a pálida mulher. Constrangida, pede com um gesto para ele parar, e assim ele faz. A inabilidade o envergonha também. O vapor, que retira a nitidez das coisas, torna-se a desculpa desejada, e o recolhido marido sai de cena.

Seus sentidos afloram sob a água quente, que lhe aquece o corpo de forma acolhedora. Há tempos ela não experimenta sensações boas, então se entrega ao momento. O passo a passo do autocuidado retorna aos poucos.

* * *

Diante de seu armário, a ainda úmida Alana percorre com o olhar confuso as roupas alinhadas. A gama perfeita de cores relembra o quanto era caprichosa. As mãos acariciam as peças macias, e o perfume que exala reacende sua esquecida vaidade. Inúmeras texturas e estampas desfilam à sua frente. Impaciente, agarra uma certa quantidade de roupas, e o peso de tanto tecido a faz girar, enquanto as joga sobre a cama. O barulho provocado pelos cabides parece interminável. O emaranhado têxtil esparramado enterra sua vontade de escolha; qualquer cobertura para seu corpo nu será útil. Oportuno, folgado e sem graça, o vestido escolhido espelha uma outra Alana. O simulacro assumido parece encerrar o período de isolamento, e um forte desejo de deixar a casa é saboreado ao longo da batalha de se aprontar. Como em um ritual, não tem pressa; o ato de fechar botão por botão, encaixando-os nas respectivas casas, anuncia seu retorno.

Ao ouvir o portão bater, o alheio Daniel se assusta. Em busca de respostas, alcança sua próxima janela. Não demora muito e avista o veículo de Alana saindo em disparada.

Permanece imóvel, testemunhando a fuga da mulher. Encolhe-se ao rugir de pneus desvairados. Perder de vista sua bela e insana Alana o enche de impotência, ao mesmo tempo que uma súbita tensão inunda o seu peito de ódio. A repetição de irresponsabilidades exaure e desafia seu sentimento masculino, que nada em troca recebe, e então desiste. Como para registro próprio, em um gesto de renúncia a essa conturbada relação — que não deixa também de denunciar a ausência de amor —, sem qualquer remorso, fecha a cortina.

* * *

Um misto de sentimentos acompanha Alana nesse desnorteado passeio. Medo, angústia e um estranho toque de entusiasmo impulsionam interesses adormecidos. Reconhecer as familiares ruas automatiza sua direção experiente, que, ao contrário da saída desastrosa, segue alinhada ao tráfego intenso. Seus olhos tímidos observam os transeuntes, realizando uma leitura rápida das diversas expressões. Preocupação e tristeza mastigam rostos anônimos, pincelando a densa paisagem urbana. Um possível retorno ao cotidiano dissolve-se em seus planos, mas a curiosidade se acende e a faz seguir: quer rever, nem que seja pela última vez, a escola de dança.

Para não chamar atenção, Alana decide estacionar do outro lado da rua. Com a visão da fachada do pequeno prédio, a luz do letreiro de *neon* alcança seu rosto. Alana, com movimentos vagarosos, deixa o carro. Dois passos para o lado e se esconde atrás de uma banca de jornal, há meses desativada. Um engolir pesado faz sua cabeça abaixar. Furtivamente, recupera a imagem da vitrine da escola. É possível reconhecer cada uma de suas alunas, sorrindo, exalando a energética alegria infantil. As lágrimas que turvam a beleza a que assiste fazem Alana recuar. Um sentimento de incapacidade perpétua se dissolve em seu corpo e a faz partir.

Quando se dirige ao carro, sente um forte puxão no braço, obrigando-a a parar. A força com que a estranha senhora a segura é incompatível com a sua figura, que a encara com um sorriso perturbador e pronuncia palavras desconexas. O som da voz grave dela penetra áspero em sua audição; num movimento brusco, tenta se desvencilhar da incômoda presença. Sem conseguir, olha direto para a mulher, que retruca:

— O que você está fazendo aqui?

Ela finalmente libera seu braço, e Alana consegue ler um ódio assustador estampado nas rugas da mulher. Alana se assusta de tal forma que não percebe um desnível na calçada e cai. A ardência na pele denuncia um corte no joelho, mas não a impede de fugir. Chegar ao carro é seu único e desesperado pensamento.

Ofegante pela angústia de escapar, consegue dar partida no motor e arranca pela rua vazia.

O sangue que sai do corte escorre pela pele. A rigidez inesperada paralisa sua direção. Domar a crise embebeda os poros com o suor frio do medo e, imediatamente, em estado de alerta, os pés afundam no pedal central. O som da freada é tão alto que alguns pedestres, assustados, encaram seu rosto pálido. O constrangimento a traz de volta, e, aos poucos, recupera o ritmo da respiração. A parada brusca do carro expulsa algo do painel para seu colo. Mãos nervosas alcançam o envelope antes que caia ao chão. Ao reconhecer a torneada escrita do filho, o tempo congela-se. As buzinas demoram a trazer Alana de volta, até que batidas em seu para-brisa a obrigam a retomar a direção. Ela precisa tirar o carro dali.

O sofisticado painel do veículo ilumina seu aspecto exausto. A facilidade de escapular do trânsito a surpreende, e dirigir volta a ser automático. O potente motor embala sua partida. Ameaçada por uma dúvida pessimista, decide parar após um

longo trajeto. Ao som do alerta acionado, as mãos trêmulas seguram a carta escrita à mão. A leitura atenta lhe traz uma compreensão que aniquila sem piedade sua fé maternal.

* * *

Dominada pelo cansaço e fastio de lidar com sua deformada vida; e o não mais se reconhecer envenenando sua sobrevivência, associado ao conteúdo aniquilador das últimas palavras do filho, tudo isso faz com que a decisão seja tomada. A condução continua vagueando, e o combustível já está baixo. A estreita e deserta estrada encontrada parece se encaixar perfeitamente em seu plano; além disso, tem uma formidável máquina nas mãos. Ferro, aço e alta velocidade são aliados para um rápido fim. A calma forçada toma conta do coração desabitado. O automóvel costura veloz o asfalto, distorcendo a paisagem, enquanto se inicia uma coreografia imprudente.

O pedal lateral direito recebe todo o peso, enquanto as leves mãos que abandonaram o volante soltam o cinto de segurança. Um suspiro profundo cessa qualquer ruído na mente. Lembranças longínquas são processadas, e, assim, o desenrolar para o fim é sua âncora. É imenso o desejo de que a loucura a abandone, e a certeza de um desfecho ilumina um sorriso triunfante. A necessidade de admirar esse breve momento a faz segurar o retrovisor, que reflete, também, Lucas. Estranhamente, ele não mostra intimidade e, como um carona, mira o exterior, até que a ressentida voz, familiar e clara, apunhala seu peito com a frase inesperada: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!”¹.

¹ Evangelho reportado por Lucas, 23:34.

A tentativa desesperada de retomar o controle confunde seu corpo, que transmite movimentos amadores à difícil tarefa de

pilotar. Por fim, se rende ao inevitável, colocando as mãos na frente dos olhos, que se fecham diante da iminente tragédia. Todo o aparato tecnológico do veículo não compensa sua imperícia, e o movimento desigual abala a orientação das rodas.

Pressente a inevitável capotagem diante do impacto sentido.

* * *

A consciência retorna. Um gosto terrível na boca faz seu rosto retorcer; Alana abre os olhos, que, acuados, tornam-se a única manifestação no débil corpo. O frio é intenso, e a desagradável sensação de enrijecimento machuca seus músculos, como um demorado choque. A mente confusa lhe sussurra para tentar lembrar o que houve. Sem respostas, imagens e sons explodem sem nexos em sua cabeça.

A luz fria e intensa é só mais um incômodo, somado a agulhadas que espetam as mãos, infligindo dores às veias. Um choro dominado consegue aquecer sua face coberta pela máscara de oxigênio. Movimenta os olhos em busca de entendimento. Azulejos brancos e brilhantes decoram o espaço solitário. O cheiro químico dá indícios do tipo de ambiente em que se encontra.

Obriga-se ao reconhecimento de seu corpo, que começa a manifestar vida. Articulações barulhentas, seguidas de um penoso esforço, ativam um gemido choroso. A incompreensão injeta-lhe um medo que a paralisa. Com a respiração controlada, tenta acalmar-se e retomar uma busca por escassas lembranças.

O lindo sorriso de Lucas surge, como mágica. Apaziguado, o rosto manifesta uma expressão tranquila. Os batimentos cardíacos se reduzem pela paz da imagem que, furtiva, desaparece, dando lugar à figura de sua morte. As recordações confusas e desconexas fogem ao seu controle; no auge da exaustão, adormece profundamente.

CAPÍTULO 2

Rostos entubados

Depois da saída estúpida de Alana, Daniel permaneceu por um bom tempo no quarto. O impacto dos últimos tempos impôs pesados prejuízos a seus sentimentos, e agora o desânimo toma conta de seu corpo. Perscruta o cômodo, onde uma calma exagerada permite lembrar, passo a passo, dos recentes e atordoados dias. Uma sensação de abandono massacra seu peito como nunca.

Todos se foram: seu pai, Lucas, Alana...

Começa a ser inevitável questionar o sentido de tudo.

A contínua vibração em seu bolso o incomoda; sem paciência, pensa em ignorar a chamada não identificada. Mas pode ser algo do trabalho, assim decide atender.

— Boa tarde, por acaso é algum parente de Alana Santos Motta? — a voz feminina inicia.

— Sim, quem está falando? — pergunta Daniel, sem reconhecer a voz desconhecida.

— O senhor é...? — ela pergunta.

— Sou o marido dela, do que se trata? — Daniel pressente uma má notícia.

— Aqui é do Hospital Campestre. Pedimos que se dirija para cá o mais breve possível. Sua esposa foi internada — continua informando a voz.

— *Como?!* — ele a interrompe. — O que aconteceu com Alana?

— Senhor, precisamos que compareça ao hospital. — Impaciente, ela recomeça — Sua esposa sofreu um acidente de carro.

As palavras abandonam Daniel por completo.

— Senhor! Ainda está aí?

— Sim, desculpe... entendi. Vou já para aí — Daniel responde imóvel.

Ligação encerrada.

Daniel observa sobre a cama as roupas espalhadas por Alana, como que a sinalizarem a mudança de um estado letárgico para uma inesperada agitação de sua dona. O mau pressentimento invade seus pensamentos, e também a certeza de que nada voltará ao normal.

* * *

A estação de enfermagem se limita a uma pequena ilha entre corredores. Daniel observa com discrição os funcionários uniformizados. Bem treinados, não parecem notar sua presença. O nervosismo adia as palavras, e um certo constrangimento transparece em sua expressão. Quando se aproxima do balcão, uma jovem enfermeira, derramando cansaço pelo olhar, se ocupa em dar-lhe atenção.